

PERSONALIDADE *Senador foi internado na quinta-feira com dores; corpo será sepultado no mausoléu da ABL, no Rio*

Darcy Ribeiro morre de câncer aos 74

da Sucursal de Brasília

O senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), 74, morreu às 18h50 de ontem de câncer generalizado no hospital Sarah Kubitschek, em Brasília.

Ele foi internado na quinta-feira passada, com anemia, problemas respiratórios e dores. O boletim oficial do hospital afirmou que o senador teve "uma morte tranquila e sem sofrimento".

O corpo do senador vai ser velado até as 14h de hoje no Congresso, e, depois, transportado para o Rio de Janeiro. Será sepultado no mausoléu dos imortais da ABL (Academia Brasileira de Letras).

Há quatro meses, Darcy comentou com assessores que temia que as "dores terminais" o impedissem de revisar o livro de memórias que estava escrevendo.

"Ele estava sempre correndo contra o tempo e pedindo pressa a todos os que trabalhavam com ele", disse Denise Teresinha Resende, ex-secretária que auxiliou o senador a digitar o livro.

Sua última aparição no plenário do Senado, em cadeira de rodas, foi no dia 4 de fevereiro, para votar na eleição que decidiu, entre os candidatos Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Iris Rezende (PMDB-GO), quem seria o presidente do Senado e do Congresso.

ACM foi eleito, mas o voto do senador foi para Iris. Na hora de votar, a direção do Senado mandou levar a urna até ele. Sempre bem-humorado, Darcy deixou que os fotógrafos registrassem, e, assim, revelassem o seu voto.

Pelos menos três propostas, votadas ou em tramitação no Congresso, tiveram a participação ativa do senador: defendeu a lei que transforma qualquer cidadão em doador presumível de órgãos e foi autor da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), que tramitou por oito anos no Congresso.

Ultimamente, já na cadeira de rodas, vivia dizendo pelos corre-

dores do Senado que esperava "a hora em que o presidente Fernando Henrique vai dizer que não privatizará a Vale do Rio Doce".

"Doçura"

FHC chegou ao hospital às 19h40, acompanhado do ministro Paulo Renato Souza (Educação). "O Darcy tinha um talento que conheci em muito poucos, uma imaginação extraordinária. Foi um lutador. A começar, lutou contra a própria moléstia", disse.

"Perdemos o mais culto dos senadores", disse o presidente do Congresso, Antonio Carlos Magalhães. "Era uma doçura ouvi-lo", acrescentou outro colega do Senado, Eduardo Suplicy (PT-SP).

Darcy era colunista da Folha desde 28 de agosto de 1995.

Segundo o boletim oficial do hospital Sarah Kubitschek, a "falência múltipla de órgãos" do senador foi provocada por uma neoplasia maligna da próstata, que gerou metástases (outros focos de câncer) ósseas. Há 24 anos tirou um pulmão atingido por câncer.

Na quinta, quando foi internado, estava tão enfraquecido que, depois de todos os exames, os médicos decidiram mantê-lo sob vigilância. No sábado, num comportamento atípico, mandou chamar Vera Brandt, diretora administrativa da Fundação Darcy Ribeiro.

Fez uma série de recomendações, como cuidar de livros, direitos autorais, e, principalmente, a sua última grande preocupação, o Projeto Caboclo.

Na madrugada de ontem, acordou às 2h, quis fazer a barba e pediu para se vestir e estar pronto para o seminário sobre o Projeto Caboclo em um hotel de Brasília. Os médicos não atenderam o pedido. Às 6h foi levado para a UTI.

Após a morte, a atual namorada, a cineasta Irene Ferraz, esteve no hospital. Darcy foi casado com a antropóloga Berta Ribeiro e viveu com a designer Claudia Zargos, 33 anos mais nova do que ele.



O senador Darcy Ribeiro com índio da tribo urubu-kaapor, sobre quem escreveu livro com a mulher em 1957

Divulgação

FRASES

"O PT é a esquerda que a direita gosta."

"Alguns intelectuais do PT são mulas sem cabeça."

Sobre o Partido dos Trabalhadores

"Eu devo aos comunistas uma coisa fundamental. Eles me ensinaram a ser responsável pelo destino humano."

Sobre os comunistas

"Temo, mesmo, que a ditadura tenha quebrado na juventude de classe média o nervo ético e o sentimento cívico, levando enorme parcela dela ao desbunde e à apatia."

"Uma geração de estadistas deixou de ser formada, abrindo espaços para uma geração de negociatas."

"Jango sempre dizia que com milhões de proprietários mais famílias iriam comer, viver e progredir, mais gente se fixaria no campo, a propriedade estaria defendida e o capitalismo consolidado. Nada mais oposto, como se vê, ao comunismo."

Sobre o regime militar

"A Suíça é um país quase perfeito. Um horror. Prefiro o nosso que está por fazer."

"Um brasileiro que não leu todo José Lins do Rego, não leu Graciliano, não leu Jorge Amado, é um tolo, porque deixou de herdar alguns dos espelhos que mais nos mostram como esse país é e a dor e o gozo de ser brasileiro."

"Estou sempre voltando à 'Casa Grande & Senzala', de Gilberto Freyre, o livro mais importante já escrito sobre o Brasil."

"A causa do atraso no Brasil está na classe dominante: o ruim deste país são os ricos, a estreiteza e a mediocridade da classe dominante, que quer enriquecer esmagando o povo."

Sobre o Brasil

"Eu sou realmente vaidoso. Tenho mesmo uma tendência a desprezar os modestos, porque acredito que a modéstia é uma atitude dos medíocres, daqueles que estão contentes consigo mesmos e com o mundo."

"Fui o único teórico latino-americano a provocar discussão internacional. O único teórico brasileiro sou eu. Os meus estudos sobre a antropologia das civilizações têm 146 edições."

Sobre ele mesmo

"Em grande parte, a intelectualidade brasileira é mimética. A atitude dela é de pai-de-santo, recebe uma divindade que entra pela boca, fala pela boca — exum ou Ogum — e dita o que contar."

sobre os intelectuais

"A antropologia atual é barbarológica, só sabe tratar de minorias, de grupos especiais, é bizarra. Suiu dos índios para estudar as putas, os velhos e os homossexuais. Trabalha com os grupos desviantes; é o desvio da antropologia."

sobre a antropologia

Brasília e Rio disputam velório

da Sucursal de Brasília

A decisão sobre o tempo de velório e o horário do sepultamento do senador Darcy Ribeiro provocou uma disputa entre os cerimoniais de Brasília e Rio de Janeiro.

Inicialmente, o corpo seria levado ontem à noite do hospital Sarah Kubitschek para o Salão Negro do Congresso, onde seria velado até as 10h. Seguiria, depois, para o Rio, para ser velado na ABL (Academia Brasileira de Letras) e sepultado ainda hoje no mausoléu dos imortais no cemitério São João Batista, em Botafogo (zona sul do Rio). A pedido de Darcy, ele seria enterrado ao som de Mozart.

Por interferência do amigo e governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, e por causa do pequeno número de senadores que

estavam em Brasília, o velório seria estendido até as 17h de hoje, no Congresso, e o corpo enterrado amanhã, às 10h, no Rio.

Por pressão dos membros da ABL e do governador do Rio, Marcello Alencar, que julgaram ser pouco o tempo para o velório no Rio, a saída de Brasília do corpo foi antecipada para as 15h.

No horário de fechamento desta edição, uma nova decisão do Senado: o corpo ficaria mesmo em Brasília até as 17h. Os senadores decidiram que o corpo embalsamado, e já vestido com o fardão da ABL, não mais seria levado para o Congresso na noite de ontem.

O temor do Congresso era de que, por falta de parlamentares, ficasse na população a imagem de abandono do corpo durante a madrugada de hoje. (WILLIAM FRANÇA)

Problemas começaram em 74

da Redação

Os problemas de saúde de Darcy Ribeiro começaram em 1974. Estava passando férias em Portugal, em dezembro, quando descobriu que sofria de câncer pulmonar.

Na época, Darcy — que vivia no exílio desde 1968 — teve seu retorno ao país autorizado pelo regime militar. "Eles imaginavam que eu voltaria para morrer", disse.

Tratou do câncer no Brasil: "Quando descobri que era mortal, levei um grande susto. Eu, que nunca fui supersticioso, me apeguei a um colar de prata, feito por africanos, cheio de feitiço, que uma amiga me deu." Fez uma operação que retirou um de seus pulmões. Ficou curado.

No final de 1994, porém, descobriu que tinha câncer na próstata. Foi internado no dia 6 de dezembro daquele ano no Hospital Samaritano, no Rio, com pneumonia, e depois foi levado para a UTI.

Depois de ficar 21 dias internado, decidiu fugir: "UTI é uma merda, UTI fede. Só fica lá quem está querendo morrer. Um monte de gente gemendo, esperando a morte. Pedi para o médico me dar alta. Ele não deu, então eu fugi".

Com a ajuda de um amigo médico, viajou para sua casa em Maricá (RJ), projeto de Oscar Niemeyer,

com os cômodos voltados para o mar. Lá descansou e concluiu seu livro "O Povo Brasileiro", que havia iniciado 30 anos antes.

"Quando percebi que as pessoas começavam a achar que eu ia morrer, resolvi terminar de escrever as coisas que venho pensando nos últimos anos. Não posso morrer sem terminar uma análise da trajetória brasileira nos últimos 30 anos".

De vez em quando, voltava ao Rio para fazer exames e continuar o tratamento. Começou então a escrever um livro com poemas eróticos: "Não dá mais para namorar, então eu escrevo". Apesar disso, ainda tinha esperanças de cura: "Já derrotei um câncer há 20 anos. Vou derrotar esse também".

Em fevereiro de 1995, já sem cabelos devido ao tratamento, voltou a Brasília para reassumir sua cadeira no Senado. "Estou ótimo, minha filha", disse a uma repórter: "Só estou careca, mas estou lindo". Lamentava ter perdido os cabelos: "Sempre fui muito bonito, charmoso. O Itamar morria de inveja do meu topete no Senado".

Em seguida, porém, descobriu que estava com diabetes. Em junho de 96, desabafou: "Para que tanta doença? Tenho câncer na próstata e a metástase está furando meus ossos. E agora a diabetes. Logo eu, que gosto tanto de rabada".

Senador elaborou Projeto Caboclo recebe apoio lei educacional

da Sucursal de Brasília

Membro de um partido de oposição, Darcy Ribeiro foi o maior aliado do governo FHC no Senado na área educacional.

Relatou a nova "constituição" da educação, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), sancionada em dezembro de 96.

A Câmara levou cinco anos para consolidar um projeto que o governo considerou corporativista.

Previra piso nacional para professores e um grande conselho de educação, formado por representantes de estudantes e professores, com poderes superiores aos do governo em determinados assuntos.

Darcy não se limitou a acolher emendas nem a eliminar o que desagradava ao governo. Jogou fora o texto da Câmara e o reescreveu.

A nova LDB tem um lado liberalizante. Permite que as universidades selecionem alunos por outro método que não o vestibular.

Autoriza que um estudante avance de forma mais rápida se comprovar conhecimento.

Torna legalmente prevista a concessão de diplomas no ensino à distância, por correspondência ou pela televisão. (PSP)

da Sucursal de Brasília

Debate realizado ontem entre pesquisadores e especialistas da Amazônia, em Brasília, concluiu que a proposta de Darcy Ribeiro para ocupação alternativa da região — o chamado Projeto Caboclo — deve ser concretizado.

O "Primeiro Simpósio da Amazônia" foi organizado pelo próprio Darcy, que achava a proposta uma das mais importantes de sua carreira. No entanto, não pôde comparecer por estar hospitalizado.

Internado na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) do Hospital Sarah Kubitschek, Darcy entrou em contato com os responsáveis pelo simpósio pedindo para que fosse omitido seu real estado de saúde.

Ele temia que os técnicos do setor público e privado que participavam do evento interrompessem a análise de seu projeto. O senador morreu por volta das 18h50, quando a reunião já havia terminado.

Inicialmente, o Projeto Caboclo será custeado pela Associação Cristã de Pesquisa e Preservação do Meio Ambiente, ligada às igrejas da Assembléia de Deus. O custo total ainda não foi estimado, mas a igreja garante que já conseguiu pelo menos R\$ 30 milhões para ele.

A proposta é instalar, experimentalmente, 10 ou 12 comunida-

des de índios e caboclos, com 50 famílias cada, em áreas de, no mínimo, 5.000 hectares.

Cada comunidade terá como atribuição produzir alimentos para sua própria subsistência, cuidar do replantio de árvores frutíferas e industriais (como a seringueira) e criar peixes ou animais da região.

A idéia, segundo Darcy Ribeiro, inspira-se nos ideais do líder seringueiro Chico Mendes, morto em 1988, que buscava enriquecer os seringueiros nativos com modos não destrutivos de adaptação e de desenvolvimento sustentável.

Na prática, o projeto quer dar aos moradores da Amazônia condições e estímulos para que eles produzam na própria região em que foram criados, sem comprometer o ecossistema, evitando a migração para a periferia das grandes cidades da região.

As famílias das unidades do projeto ficarão reunidas em torno de uma grande casa — que funcionará como escola, igreja e centro de convívio. As casas devem ser feitas com madeira e folhas de palmeiras, conforme prática da região.

"Uma vez consolidadas, essas comunidades se estruturariam como cooperativas regulares que passariam a operar como unidades multiplicáveis de ocupação da Amazônia", diz o projeto.

FSP
18/2/97
149
cont.

PERSONALIDADE **Presidente lembra contato pessoal com Darcy Ribeiro; para Brizola, 'energia mental' surpreendia**

FHC destaca legado cultural do senador

Darcy foi ser múltiplo

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

Escrever sobre Darcy Ribeiro exige, em primeiro lugar, que se considere qual de suas faces deverá ser focalizada, tendo em vista que durante sua longa e produtiva vida conseguiu ser antropólogo, político, ficcionista, educador e administrador, sempre com igual sucesso. Lembro-me, desde a época em que trabalhávamos juntos, entre 1954 e 1958, no Museu do Índio —por ele criado—, que Darcy sempre comentava entusiasmado sobre as várias faces de seu grande ídolo, o marechal Rondon. Questionava sempre de como era possível um homem poder ser tanto numa única vida: "humanista", "indigenista", "civilizador do sertão", "pacificador de Letícia" e "protetor dos índios". Esse homem multidimensional que no final dos anos 50 Darcy o qualificava com esse conjunto de adjetivos, como se lê em seu artigo "A Obra Indigenista de Rondon", sempre foi o seu grande herói, seu alter ego, admirando nele o seu humanismo positivista, suas qualidades de realizador quando assumiu a construção das linhas telegráficas e estratégicas em Mato Grosso ou quando, defendendo o direito dos povos indígenas, criou o Serviço de Proteção aos Índios, ou, ainda, quando exercitou sua diplomacia solucionando a questão de fronteiras entre Peru e Colômbia pela posse da região de Letícia.

E lembro-me muito bem de Darcy, emocionado, pronunciando seu discurso de despedida junto à tumba do marechal em 1955.

As várias dimensões da vida de Darcy Ribeiro acabaram por torná-lo bastante semelhante ao seu herói. Sendo, assim, torna-se difícil dar conta desse ser múltiplo que ele chegou a ser. É assim que, em segundo lugar, há de se escolher também qual de suas dimensões podem ser examinadas num número limitado de páginas. Como seu colega dos seus anos de etnólogo, quero homenageá-lo reportando-me aos anos 50 e trazendo o meu depoimento sobre suas atividades de etnólogo. Assim, não posso me esquecer quando o vi pela primeira vez, em 1953, na sala de conferências da Biblioteca Municipal de São Paulo, hoje Biblioteca Mário de Andrade, discorrendo brilhantemente sobre aspectos do indigenismo brasileiro. Como resultado desse primeiro encontro, Darcy haveria de me convidar para trabalhar no recém-criado Museu do Índio, formando com ele e Eduardo Galvão, certamente o primeiro grupo de etnólogos interessados em trazer a antropologia, como disciplina acadêmica, para a prática da política indigenista brasileira. Muita coisa correu desde então.

E aqui não há lugar para relembrarmos tudo o que aconteceu naqueles anos e, especificamente, com relação à questão indigenista, seus sucessos e insucessos, bem como o lugar que com muito esforço e poucas realizações pôde a antropologia efetivamente lograr frente à burocracia dominante na instituição. Quero, unicamente, sublinhar algumas contribuições indiscutíveis do professor Darcy Ribeiro à etnologia brasileira.

Começaria por seu primeiro livro, "Religião e Mitologia Kadiwéu" (1950), onde Darcy articula com muita competência e engenho discursivo duas instâncias das mais relevantes numa cultura tribal: os sistemas mitológico e religioso, nem sempre facilmente discerníveis na observação etnográfica. É assim que Darcy destaca o papel da mitologia na manutenção da coesão e solidariedade da sociedade kadiwéu, ameaçada pela integração de cativos de outras etnias tribais no seu seio, conversando portanto "um núcleo de valores altamente consistente e unanimemente co-participado, que contribuiu para preservação da

(...) unidade política".

E no capítulo da religião, onde põe especial ênfase no xamanismo, mostrando-o como "a resposta kadiwéu à necessidade de fazer frente ao azar e a todas as ameaças reais e imaginárias que pesam sobre eles e que não podem ser resolvidas pelos processos ordinários", toca também num tema clássico da antropologia dos povos ágrafos (também chamados inadequadamente de "primitivos"), qual seja a da coexistência nesses povos de dois níveis diferentes de entendimento: o domínio objetivo do ambiente em que vivem, o que lhes permite inclusive domesticar quase cientificamente a natureza —como no caso de plantas ou animais; e, mercê de uma visão mística, "impregnada de emoção que completa a primeira", capaz de explicar fenômenos que escapam ao entendimento objetivo, visão essa importante para assegurar a eficácia dos procedimentos práticos adotados: tratar-se-ia de um "controlador do incontrolável".

A presença desse controlador, segundo Darcy, "dá ao grupo o sentimento de segurança indispensável a qualquer realização, garantindo a eficiência dos esforços objetivos contra a ameaça do imprevisível". Encaminhamentos como esses de questões de teoria antropológica, conferem a essa monografia de Darcy o teor de um texto clássico da etnologia brasileira, de cuja leitura muito ainda poderão aproveitar estudiosos e estudantes.

Mas se esse livro e mais alguns ensaios interessantíssimos de Darcy sobre esses mesmos índios, como seu ensaio sobre "A Arte dos Índios Kadiwéu" (1951) ou seu artigo sobre o "Sistema Familiar Kadiwéu" (1948), já indicavam o talento do então jovem pesquisador, foram seus escritos sobre os índios urubus ou kaapor, grupo Tupi das florestas do Maranhão, que vão revelar um etnólogo dotado de um discurso sedutor, imprimindo na linguagem da disciplina um toque eminentemente literário —certamente prenúncio do Darcy escritor que surgiria mais de uma década depois! Com sua mulher, Berta G. Ribeiro, escreve o bonito livro "Arte Plumária dos Índios Kaapor" (1957), onde nos oferece um esplêndido texto de antropologia estética, ilustrado por um grande número de policromias relativas aos artefatos kaapor, verdadeiras jóias plumísticas. E sem se limitar à busca da beleza na cultura kaapor, escreve ainda um trabalho bastante técnico sobre as relações entre aqueles índios e o meio ambiente: um texto primoroso intitulado "Os Índios Urubus: ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical" (1962). Porém seu trabalho em que melhor exercita a combinação da boa etnografia, enquanto "história de vida", e a arte do bem escrever é o seu "Uirá vai ao encontro de Maíra: as experiências de um índio que saiu à procura de Deus" (1957). Texto fascinante por seu conteúdo e pela forma da narrativa! Muito se poderia dizer ainda sobre a etnologia de Darcy Ribeiro, inclusive sobre seus escritos relativos ao contato interétnico, onde sua face de indigenista aparece claramente, marcando um indubitável pioneirismo no trato das questões de interação entre índios e não-índios, bem como sobre a presença do Estado na administração raramente eficaz e nem sempre correta daquela interação. Esses escritos foram reunidos em seu livro "Os Índios e a Civilização: A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno" (1970). É um fecho perfeito para uma fase das mais produtivas de seu itinerário intelectual, responsável por uma obra que veio para ficar e enriquecer a literatura etnológica brasileira.

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA é professor titular convidado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor de "O Índio e o Mundo dos Brancos", "Identidade, Étnica e Estrutura Social" e "Sobre o Pensamento Antropológico".



Darcy Ribeiro em sua casa em Maricá, logo após fugir do hospital

Editoria de Arte/Folha Imagem

Bibliografia

- Religião e Mitologia Kadiwéu
- América Latina, a Pátria Grande (Guanabara)
- Configuração Histórica Cultural dos Povos Americanos (Civilização Brasileira)
- Ensaios Insólitos (LP&M)
- Maya (Civilização Brasileira)
- Migo (Guanabara)
- Mulo (Record)
- Nossa Escola é uma Calamidade (Salamandra)
- Sobre o Óbvio (Guanabara)
- Testemunho (Siciliano)
- Aos Trancos e Barrancos (Guanabara)
- Uirá Sai à Procura de Deus (Paz e Terra)
- A Universidade Necessária (Paz e Terra)
- Unjiversidade para quê? (UnB)
- Utopia Selvagem (Record)
- As Américas e a Civilização (Vozes)
- Os Brasileiros (Vozes)
- Dilema da América Latina (Vozes)
- Formas e Sistemas de Governo (Vozes)
- Fundação do Brasil (Vozes)
- Os Índios e a Civilização
- O Processo Civilizatório (Vozes)
- Teoria do Brasil (Paz e Terra)
- O Povo Brasileiro (Companhia das Letras)
- Noções de Coisas (FED)
- Diários Índios (Companhia das Letras)

CRONOLOGIA

26.nov.1922 - Darcy Ribeiro nasce em Montes Claros (MG), filho do industrial Reginaldo Ribeiro e da professora Josefina Augusta da Silveira Ribeiro.

1939 - Muda-se para Belo Horizonte (MG) e ingressa na faculdade de medicina.

1942 - Abandona o curso de Medicina. Muda-se para São Paulo e passa a cursar Ciências Sociais na Escola de Sociologia e Política. Forma-se em 46.

1947 - Começa a trabalhar como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

1950 - Publica "Religião e Mitologia Kadiwéu".

1955 - É convidado por Juscelino Kubitschek a ajudar na elaboração das diretrizes para o setor educacional do novo governo.

1959 - Ao lado de outros integrantes da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), é incumbido por JK de planejar a Universidade de Brasília (UnB).

1961 - É nomeado primeiro reitor da UnB.

1962 - Assume o Ministério da Educação e Cultura do governo parlamentarista de João Goulart.

1963 - Assume a chefia do Gabinete Civil da Presidência, com o retorno do presidencialismo.

1964 - Exila-se no Uruguai após o golpe militar de 31 de março. Tem seus direitos políticos cassados pelo AI-1. É demitido da UnB e do SPI.

1968 - Retorna ao Brasil em outubro. É preso e indiciado por infração à Lei de Segurança Nacional. É julgado e absolvido, em setembro de 69.

1970 - Vai ao Chile, convidado por Salvador Allende a as-

essorar o governo socialista.

1974 - Volta ao Brasil. É operado para extirpar um câncer pulmonar. Perde um pulmão.

1978 - Retorna definitivamente ao Brasil. Passa a viver com a designer Claudia Zargos, 33 anos mais nova. Sua primeira mulher foi a antropóloga Berta Ribeiro. Não teve filhos.

1980 - Ao lado de Leonel Brizola, funda o PDT (Partido Democrático Brasileiro).

1982 - Elege-se, em novembro, vice-governador do Rio de Janeiro na chapa de Brizola. Publica "A Utopia Selvagem".

1983 - Assume em março a Secretaria Extraordinária de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro. Inauguraria, em sua gestão, o sambódromo.

1985 - Lança em dezembro "Aos Trancos e Barrancos: Como o Brasil Deu no que Deu".

1986 - É derrotado por Wellington Moreira Franco (PMDB) na eleição para governador do Rio de Janeiro, em novembro.

1987 - Assume, em fevereiro, a Secretaria Extraordinária de Desenvolvimento Social de Minas Gerais, no governo Newton Cardoso (PMDB).

1990 - Elege-se senador pelo PDT do Rio.

1991 - Licencia-se do Senado e assume, em setembro, a Secretaria Extraordinária de Programas Especiais do Estado do Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola (PDT).

1992 - É eleito para a Academia Brasileira de Letras.

1994 - Candidata-se a vice de Leonel Brizola (PDT) na eleição presidencial de outubro.

1997 - Morre em Brasília, vítima de câncer generalizado.

da Sucursal de Brasília, da Sucursal do Rio e da Reportagem Local

O presidente Fernando Henrique Cardoso ressaltou ontem a contribuição de Darcy Ribeiro à cultura brasileira.

Ao saber da morte do antropólogo, FHC foi ao hospital Sarah Kubitschek. Às 19h40, falou brevemente aos jornalistas no local. "O Brasil todo sabe a importância de Darcy Ribeiro, o significado imenso que ele teve para a cultura brasileira. Foi um lutador, a começar contra a própria moléstia."

O presidente lembrou do contato que tinha com o senador. "Era amigo meu há mais de 40 anos. Era amigo do meu pai, da minha mãe, do meu cunhado, da Ruth. Tanto que, no plano pessoal, é uma perda muito grande também. Eu acho que ele deixou um exemplo admirável de mostrar que, quando a gente tem vontade, como ele tinha, consegue empurrar até a morte o mais longe possível. Chegou o momento. Estamos todos muito tristes."

Brizola

O ex-governador do Rio Leonel Brizola, de quem Darcy foi vice no governo e na derrota na eleição presidencial de 1994, destacou a "energia mental" revelada pelo senador durante seus últimos anos de vida.

"Talvez ele nunca tenha pensado e escrito tanto e com tanta intensidade", disse Brizola, por telefone, de sua fazenda no Uruguai.

Para o ex-governador, Darcy lutou "de forma mais do que brava" contra o câncer.

"Quando seus familiares faziam uma avaliação pessimista de sua saúde, ele levantava a cabeça e ressurgia, como quando fugiu do hospital e foi se curar nas areias de Maricá", disse Brizola.

"Politicamente, civicamente, nosso país perde um de seus grandes valores", afirmou Brizola. "Na política e na coerência, ele foi insuperável."

Leia a seguir comentários feitos ontem sobre a morte do senador:

Francisco Weffort, ministro da Cultura - "Com a morte de Darcy, o Brasil perde uma de suas maiores personalidades, que se notabilizou pela fundamental contribuição para a educação, literatura e antropologia."

Ruth Cardoso, antropóloga - "Darcy Ribeiro foi um querido amigo. Um homem de grande coragem, pessoal e política. Darcy foi, principalmente, um homem que amava a vida com a energia exemplar só presente nos grandes homens."

Roberto Da Matta, antropólogo - "O que fica na obra de Darcy, não só na antropologia, não é a vontade de estudar e entender o mundo, mas de mudá-lo. Tentei ser amigo dele, mas não consegui."

Oscar Niemeyer, arquiteto - "Era um homem tão bom, um brasileiro fantástico, cheio de idealismo. Era um amigo, um irmão. É uma perda irreparável, vai fazer muita falta."

Orlando Villas-Boas, sertanista - "Darcy Ribeiro pertence a uma geração que mostrou à sociedade brasileira que índio não é bicho. Não era um antropólogo de gabinete. Ajudou muito a criar a UnB (Universidade de Brasília) e o Parque Nacional do Xingu."

Nélida Piñon, presidente da Academia Brasileira de Letras - "Quando Darcy ria, ria alargando o horizonte do Brasil. Como imperador do Brasil, ele apostava no nosso destino. Ao mesmo tempo, revogava as nossas faltas. Que saudade, Darcy."

Jorge Amado, escritor - "Lastimo a morte de Darcy. Foi meu amigo da vida inteira. Participamos juntos de várias campanhas, de vários combates. Podia errar, esteve errado várias vezes, mas nunca se omitiu."

Dias Gomes, dramaturgo - "Acho que a bruxa está sendo muito inclemente com a cultura brasileira. Primeiro foi Ênio Silveira, depois o Callado e agora o Darcy... Com eles três lá em cima, Deus que se cuide."
Gilberto Velho, antropólogo -

"Tive discordâncias e reservas em relações a aspectos de sua obra como antropólogo, mas resalto sua extraordinária criatividade e genuíno amor ao povo brasileiro."

Roberto Mangabeira Unger, professor da Universidade de Harvard (EUA) - "Conseguiu desenvolver uma obra que mostrava um pensamento social que jamais cedeu aos deslumbramentos dos modismos estrangeiros."

Lygia Fagundes Telles, escritora - "Disse a ele certa vez que ele era a reencarnação de Gonçalves Dias. Os índios perdem com sua morte, e também perdem os que amam os advogados das causas puras, das causas perdidas."

José Murilo de Carvalho, historiador - "O Darcy teve um papel de agitador de idéias. E tinha uma enorme paixão pelo Brasil. O fato de se eleger senador tirou ele da política local do Rio e o recolocou no debate nacional."

Paulo Renato Souza, ministro da Educação - "Ele era um lutador da cultura brasileira, o educador do Brasil. Teve uma trajetória intelectual das mais marcantes. Como antropólogo, como educador."

Antonio Carlos Magalhães, presidente do Congresso (PFL-BA) - "O Senado perdeu seu mais culto senador. Darcy era um emblema. Falar de Darcy é falar do Brasil. Tudo que era impossível deu certo para ele."

Michel Temer, presidente da Câmara (PMDB-SP) - "Darcy Ribeiro era não somente um intelectual de grande importância, mas um homem que dedicou toda sua energia à defesa das melhores qualidades do caráter brasileiro."

Luiz Carlos Bresser Pereira, ministro da Administração - "Darcy Ribeiro era um grande intelectual, um notável escritor, um incansável político-patriota, que lutou por seu ideal de Brasil até o último momento."

Hélio Bicudo, deputado federal (PT-SP) - "Deixou dois legados: como antropólogo, foi fundamental para a história. Como educador e político, deixou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação."

Francisco de Oliveira, cientista político - "Darcy Ribeiro era um homem de coragem. Enfrentou a doença com galhardia, sem o baixo astral daqueles que sabem que vão morrer. Ele foi até o fim."

Mário Covas, governador de São Paulo (PSDB) - "Fui senador ao mesmo tempo que ele e pudemos conviver. Pode assistir com que competência, com que capacidade, com que conhecimento, com que dignidade ele desenvolvia sua tarefa."

José Aníbal, líder do PSDB na Câmara dos Deputados - "Era uma figura luminosa, estimulante. Fez um trabalho fantástico na fundação da Universidade de Brasília. É uma grande perda para o Brasil."

Aloysio Nunes Ferreira, deputado federal (PMDB-SP) - "Era um homem que representava uma geração de inconformismo na política brasileira. Infelizmente, essa geração vai se extinguindo. É uma grande pena."

Maria da Conceição Tavares, deputada federal (PT-RJ) - "Ele representou toda a energia do povo brasileiro. Ele tinha uma fé muito grande nesse povo. Devo a ele a minha introdução nos assuntos do país."

Eduardo Suplicy, senador (PT-SP) - "O que mais me chamava a atenção era seu senso de indignação e sua capacidade de fazer críticas em tom fraternal, como fazia com FHC. Era uma doçura ouvi-lo, quando ele usava a tri-buna."

Almino Affonso, deputado federal (PSDB-SP) - "Um dos meus privilégios no exílio no Uruguai, no Chile e no Peru foi ter conhecido do Darcy e viver com ele muitos anos. Ele tinha uma capacidade de criar impressionante."